

Pop filosofia: pós-modernidade e a produção de sentidos nas letras da banda Titãs

Pop Philosophy: postmodernity and production of meanings in Titãs' lyrics

Therence Santiago Alves Feitosa

Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), doutorando em Comunicação e Semiótica na mesma instituição e professor do curso de Comunicação Digital da Universidade Paulista (Unip)

Resumo

Este artigo tem a intenção de mostrar a relação possível entre a música e a produção de sentidos referente a questões pertinentes à pós-modernidade. Como elemento cultural, a música possibilita que as pessoas se expressem e se representem através dela. A década de 1980 no Brasil se apresentou como um período de transição nas mais diversas esferas possíveis. No cenário musical, um gênero em específico ganhava força, voz e forma, o rock. Uma banda em especial, chamada Titãs, se destacava no cenário nacional. Este artigo apresenta discussões sobre os cenários de crises por que a modernidade passava através das lentes do rock, tendo como referência as letras da banda Titãs.

Palavras-chave: música; pós-modernidade; linguagem; rock.

Abstract

This article has the intention to show the possible relation between music and the production of meanings within the relevant postmodern issues. As a cultural element music allows people to express and represent themselves through it. The 1980's in Brazil represented a transition period in various possible spheres. In the music scene, a genre in particular gained strength, voice and form, the rock. One band in particular, called Titãs, took the national stage. The article presents, through the lens of rock, based on the lyrics of Titãs, related discussions on the crisis scenarios that modernity passed.

Keywords: music; postmodernity; language; rock.



“TODO MUNDO QUER AMOR” E OUTRAS COISAS MAIS

A música, como manifestação artística, se apresenta como um intenso e relevante aparato cultural na sociedade. Ramos (2010) afirma que, esteticamente, é possível identificar manifestações sociais influenciadas diretamente pela música. A autora remete a como determinadas gerações se identificam e se expressam através da incorporação de determinados traços significantes de determinados gêneros musicais. Tais elementos são visíveis em certas representações marcantes no cotidiano dessas gerações no que se refere a hábitos e costumes.

Partindo daí, é importante perceber a música como uma das manifestações mais intensas em se tratando de elementos culturais relevantes nas sociedades. Alves (1995) aponta que é possível mapear características fundamentais de vários grupos sociais a partir das representações musicais desenvolvidas nos meios atuantes de tais grupos. O presente artigo se concentra em específico no rock brasileiro da década de 1980, tendo como foco principal de análise as letras de uma das mais importantes bandas do período, os Titãs.

O rock é um gênero musical que por si só, segundo Anaz (2013), apresenta esteticamente elementos atrelados a contestações e rebeldia. Bastos (2005) defende o argumento de que o rock tem, essencialmente, em suas letras de música, uma importância ímpar na representação de questões relacionadas a descontentamentos e críticas sociais em relação à sociedade capitalista e na consequente assimilação dessas letras por parte do público. Partindo daí, surgem questionamentos pertinentes sobre como o rock brasileiro nos anos 80 se posicionou nesse sentido. As perguntas importantes são: como o rock brasileiro dos anos 80 se manifestou em relação aos conturbados cenários sociais que se apresentavam no momento? Como é possível identificar tais manifestações através das letras de música, em específico as letras da banda Titãs? Como, na construção de uma linguagem de contestação, é possível identificar elementos característicos da pós-modernidade? Como e quais mídias atuaram na propagação do rock naquele período?

Como fonte de análise, escolhemos as letras da banda Titãs. O intuito é trazer uma breve discussão sobre um tema amplo e complexo. Para tal tarefa, o recorte de tempo e a escolha de uma banda do período aparecem como pertinente para o objetivo proposto. A banda foi escolhida por conta de sua grande importância no cenário artístico da época.

O referente artigo não se propõe a discutir questões atreladas aos conceitos/classificações sobre o período histórico atual. A referente pesquisa não se concentrou na defesa/justificativa de um ou de outro conceito. Uns classificam o período atual como crise da modernidade, outros como hipermodernidade e alguns como pós-modernidade. O título do artigo se refere à pós-modernidade, pois será feita uma revisão bibliográfica, com base em referenciais teóricos da semiótica, história, filosofia, sociologia e antropologia, desse conceito. Ademais, a pesquisa também é composta de uma análise qualitativa.

Metodologicamente, a ideia foi criar um diálogo entre algumas teorias das ciências humanas e as letras das músicas dos Titãs. Essas letras apresentam claramente uma ideia de construção e produção de sentidos ao expor opiniões contra determinados quadros postos dos cenários socioculturais por que a sociedade brasileira passava no período.

AS “PALAVRAS” E AS COISAS

Em se tratando da comunicação, é importante pensar em duas questões fundamentais atreladas a ela: as estruturas de linguagem e as mídias. Santaella (2008) entende por fenômeno tudo aquilo que aparece de maneira perceptiva à mente. Nesse caminho, a codificação se dará justamente em interpretações resultantes dos signos assimilados. O signo representa um objeto, mas não é o objeto; ele serve como certa referência do objeto. Uma foto que nos desperta determinadas sensações referentes a uma coisa está apenas simulando a imagem da coisa, pois essa coisa em si não está ali; logo, é desenvolvida uma ideia imaginária sobre o que se está vendo. Isso não quer dizer que o desenvolvimento de tais ideias seja desprovido de importância e de certo significado nas relações humanas na questão da construção do imaginário coletivo; pelo contrário, a partir da imaginação que se apresenta, é possível haver uma identificação com questões de ordens subjetivas.

Dando um mergulho profundo nas estruturas da nossa linguagem, percebe-se que o que se concebe como real, isto é, a coisa em si, pode ser uma simples interpretação provocada, resultado dos significados aprendidos histórica e culturalmente. O que se entende, a forma como é percebido, o sentido, enfim, tudo é resultado de interpretações. O ponto está justamente tanto nas referências que vão aportar às reflexões atreladas às informações internalizadas quanto em quais meios relacionados aos contextos culturais são utilizados como tecnologia da informação. Nessa direção, é possível se pensar como a informação é criada, recriada, propagada e significada. É importante ter atenção à informação durante todo seu processo, desde o início, ou seja, desde os agentes criadores, passando pelos canais de condução utilizados, chegando ao destinatário final. Cada parte do processo tem uma importância ímpar no sentido de uma melhor compreensão de toda arquitetura da linguagem/informação passada.

Seguindo essa linha defendida por Santaella (2008), é importante se ater à chamada “lógica triádica do signo”, ou seja, a significação, a objetivação e a interpretação. A significação, no caso das letras das músicas, pode ser pensada no sentido da relação própria consigo mesma, isto é, há limites para o seu significado e sua capacidade significante. A objetivação relaciona-se à ideia do que o signo representa como contexto e finalidade. Seguindo nesse sentido, tem-se a interpretação, ou seja, como o signo será entendido pelo intérprete/receptor e quais serão seus efeitos imediatos. O que não pode ser perdido de vista nesses trâmites é justamente as dinâmicas relacionadas aos canais que conduziram e conduzem as informações. É

sabido, de acordo com essa ideia de significação, que a lógica triádica não tem força motriz independente, ou seja, ela depende da ação direta de vários personagens dentro das várias, complexas e confluentes tramas socioculturais.

“TELEVISÃO”, RÁDIO, JORNAIS E REVISTAS

No caso da música, a atenção deve ser voltada para três pontos essenciais: o artista, a mídia e o público. Alexandre (2002) aponta que nos anos 80 a indústria fonográfica brasileira estava ávida por novas possibilidades estéticas/musicais. Novas tecnologias surgiam no âmbito da comunicação de massa; junto a isso, as gravadoras intuía-las lançar novidades no mercado. Isso se dava justamente pelo fato de as grandes massas urbanas desejarem também novidades. Ramos (2010) aponta que os “jovens” do período necessitavam de novas referências que os representassem como sujeitos históricos de seu tempo. Não que isso ocorresse o tempo todo de maneira consciente, mas a inquietação daquela juventude era perceptível, segundo Dapieve (1995).

O Titãs aparece no início dos anos 80 como uma banda formada por jovens universitários de classe média, e sua representação política, artisticamente, sempre se deu de maneira latente. Sua produção naquele período se concentrou em uma crítica visível ao sistema capitalista e aos mecanismos que, segundo a banda, eram utilizados em próprio favor. Isso fica claro na letra da música “Televisão”:

A televisão me deixou burro / muito burro demais. / Agora todas as coisas que eu penso me parecem iguais. / O sorvete me deixou gripado pelo resto da vida. / E agora toda noite quando deito é boa noite, querida. / Ô cride, fala pra mãe / que eu nunca li num livro que um espirro fosse um vírus sem cura. / Vê se me entende pelo menos uma vez, criatura! / Ô cride, fala pra mãe! / A mãe diz pra eu fazer alguma coisa, mas eu não faço nada. / A luz do sol me incomoda, então deixa a cortina fechada. / É que a televisão me deixou burro, muito burro demais. / E agora eu vivo dentro dessa jaula junto dos animais.

O que deve ser levado em conta aqui é justamente o quadro que se formava. De um lado, os jovens artistas queriam se expressar; do outro, um público jovem queria uma identidade que o representasse de maneira mais intensa; no meio disso, havia o interesse dos canais midiáticos atrelados ao mercado – tudo isso em uma perspectiva relacionada à indústria cultural. O interessante é perceber que, ao mesmo tempo que os canais midiáticos “usavam” os novos artistas da cena, esses mesmos artistas usavam as mídias para criticá-las. Segundo Bastos (2005), os integrantes dos Titãs frequentavam os mesmos espaços alternativos em São Paulo e suas performances, para além das músicas, apresentavam elementos cênicos intensos e altamente expressivos. Segundo Dapieve (1995), o que o Titãs fazia no período em que era um octeto artístico era algo “irrotulável”, tamanho o ecletismo da atuação do grupo. Histórica e esteticamente, o Brasil, naquele momento, apresentava um cenário de abertura política e, portanto, as possibilidades relacionadas às expressões artísticas eram mais possíveis.

É justamente nesse cenário que o rock dos anos 80 no Brasil surge como um elemento intenso nas tramas sociais que se apresentavam naquele momento. A cena cultural estava ascendendo muito rapidamente, impulsionada principalmente pelos meios de comunicação que, segundo Silva (2007), utilizavam todos os recursos disponíveis de propagação da informação, do audiovisual ao impresso. O rock brasileiro, naqueles momentos iniciais da década de 80, passou a receber uma atenção relativamente intensa dos meios de comunicação. As bandas, segundo Alves (2002), passaram a ser divulgadas em revistas – algumas começam a dedicar seções exclusivas para as bandas –, em programas de televisão – alguns passaram a apresentar os novos artistas – e em rádio, começaram a inserir na programação músicas das diversas bandas que apareciam no momento. Essa grande atenção dada pela mídia, mais a identificação de uma boa parcela da juventude oitentista com as bandas, resultou em um grande e intenso fenômeno de massas.

POR UMA “AUTONOMIA” DOS SENTIDOS

Os Titãs, na década de 80, em seus primeiros esforços artísticos, tinham como objetivos expressar os descontentamentos de uma geração que, por conta de uma ditadura militar alicerçada por práticas sociais tradicionais/conservadoras, era impedida de se manifestar livremente. Isso fica evidente na letra da música “Autonomia”, do álbum *Televisão*, lançado em 1985:

O que eu queria / o que eu sempre queria / era conquistar a minha autonomia. / O que eu queria / o que eu sempre quis era ser dono do meu nariz. / Os pais são todos iguais / prendem seus filhos na jaula. / Os professores com seus lápis de cores / te prendem da sala de aula. / Ia pra rua, mamãe atrás / ela não me deixava em paz. / Não aguentava o grupo escolar / nem a prisão domiciliar..

A música retrata a realidade de uma parcela dos jovens brasileiros que não se conformavam com aquela situação. Lipovetsky (1983) defende que a pós-modernidade, historicamente, representa um momento no qual as forças irreduzíveis das instituições já não conseguem tanto, ou de maneira plena, controlar as pessoas. Na pós-modernidade, as manifestações dos desejos, das vontades individuais, das subjetividades começam a ganhar forma e expressão; as grandes ideologias ou modelos estruturais já não exercem tanto poder nas pessoas dentro das sociedades. Groppo (1996) afirma que nesse período as liberdades, os gostos e os quereres individuais ganham força e começam a se posicionar de maneira independente de qualquer ideologia política ou social. Bauman (2003) afirma que existe, na pós-modernidade, uma fluidez das relações entre a vontade dos indivíduos e a construção de suas identidades em torno de novas possibilidades relacionadas às liberdades existentes dentro dos contextos sociais. Ou seja, mesmo sem saber exatamente como, o jovem dos anos 80 percebia que podia e devia se manifestar.



No álbum *Cabeça Dinossauro*, lançado em 1986, essas manifestações ficam mais visíveis, todas as músicas desse disco têm conotações políticas. As músicas falam de inconformismo, revolta e descontentamentos com o governo. O posicionamento contra os modelos sociopolíticos vigentes fica evidente na letra da música “Estado Violência”:

Sinto no meu corpo / a dor que angustia / a lei ao meu redor / a lei que eu não queria. / Estado violência / Estado hipocrisia / a lei que não é minha / a lei que eu não queria. / Meu corpo não é meu / meu coração é teu / atrás de portas frias / o homem está só. / Homem em silêncio / homem na prisão / homem no escuro / o futuro da nação. / Estado violência / deixem-me querer / Estado violência / deixem-me pensar.

As diversas crises que aqueles tempos pós-modernos apresentavam provocavam naquela geração de jovens, principalmente nos grandes centros urbanos, uma sensação de frustração e desorientação em relação a quais rumos seguir ou caminhos tomar. Uma das intenções era justamente a de encontrar sentidos para a própria existência. Alexandre (2002) defende que, para muitos daqueles jovens, existia uma impressão de que tudo estava ruindo e de que os horizontes estavam se fechando. Baudrillard (1985) define o período apontando a existência de uma espécie de “bola de cristal das estatísticas”, que são atravessadas em seu conjunto por correntes e fluidos que geram energias “elétricas” dentro de uma ideia de massa, de corpo. Segundo ele, as massas que se formam na pós-modernidade flutuam entre a passividade e uma certa espontaneidade selvagem. Relacionando isso com o rock, pode-se pensar que as músicas/letras serviam como ferramentas da linguagem entendida por aquela geração, em se tratando da comunicação referente aos anseios que a atingia. Isso pode ser encontrado no álbum *Cabeça Dinossauro*, na letra da música “Tô cansado”:

Tô cansado do meu cabelo / tô cansado da minha cara / tô cansado de coisa vulgar / tô cansado de coisa rara / tô cansado de me dar mal / tô cansado de ser igual / tô cansado de moralismo / tô cansado de bacanal / tô cansado de trabalhar / tô cansado de me ferrar / tô cansado de me cansar / tô cansado de descansar.

Deleuze (1983) defende que o sujeito pós-moderno é caracterizado principalmente por uma não identificação clara de suas funções pré-determinadas dentro das sociedades, ou seja, ao mesmo tempo que é influenciado e induzido a assumir determinados papéis sociais, ele também se desencontra existencialmente, como sujeito existente do seu tempo. O sujeito pós-moderno, tendo como base a letra da música “Tô cansado”, se encontra em labirintos temporais, rodeados de antigos e novos dilemas que acabam desorientando-o em relação a como se portar no meio social. Tais fenômenos são descritos de certa forma nas letras dos Titãs. São encontradas críticas frequentes no modo de ser da sociedade moderna, em suas estruturas e em seus inúmeros paradigmas.

Essas manifestações seguiam o rastro dos novos tempos por que o Brasil passava: os contextos políticos estavam mudando e as formas de participação social também; no entanto, o cenário ainda era de descontentamento. No álbum *Ô Blesq Blom*, lançado em 1989, ainda é possível encontrar elementos que eram abordados pela banda no início da década, na música “Faculdade”, por exemplo:.

Faculdade mental / faculdade medicinal / faculdade / eu nunca fiz faculdade / propriedade / propriedade associativa / propriedade particular / propriedade / não tenho nenhuma propriedade / Felicidade / felicidade natal / felicidade satélite / felicidade industrial / felicidade maravilhosa / hoje não tem felicidade / utilidade / utilidade doméstica / utilidade publica / utilidade / não tem nenhuma utilidade / Sociedade / sociedade primitiva / sociedade anônima / sociedade/ não vivo em sociedade / carteira de identidade / perda de identidade / identidade dupla / identidade Xerox / não tenho mais identidade.

Percebe-se aqui que as críticas ainda se concentram em aparatos significantes do mundo capitalista. A banda segue na linha de uma crítica a determinados padrões “politicamente corretos” e aceitos dentro das sociedades. É importante destacar que nesse período, segundo Dapieve (1995), o Titãs já era uma banda famosa e conceituada no cenário nacional, seu público aumentava gradativamente e os músicos ganhavam mais espaço e visibilidade na cena cultural. Do meio para o fim da década de 80, o público do Titãs já tinha uma imensa identificação com a proposta estética da banda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na perspectiva da construção de sentidos, é fato que os aparatos/mecanismos de linguagem são fundamentais no que tange à intenção de criar e recriar elos comunicativos. Segundo Santaella (2008), a chamada “arquitetura filosófica da linguagem” é algo fundamental nos processos de entendimento das relações humanas. A materialidade do signo só acontece quando ele se insere de maneira efetiva no universo ao qual pertence, ou seja, quando uma banda de rock formada por jovens produz sentidos para outros jovens contemporâneos, é possível afirmar que tanto o signo quanto o objeto significativo se manifestam socioculturalmente de maneira concreta.

É importante destacar que a linguagem é o que dá sentido a todo movimento social e cultural nas sociedades; no entanto, essa linguagem não está à parte das questões sócio-históricas, e é preciso ter em mente que o tempo e o espaço onde os fenômenos acontecem são de extrema importância para a interpretação e o pensamento das ações humanas. De acordo com esse viés, segundo Foucault (1979), é possível perceber que as relações de força são constantes, contínuas e sempre se dão em planos de tensão; o poder sempre é exercido em campos de interesses biopolíticos. Dessa forma, é possível entender a importância dos meios de comunicação no processo de construção e desconstrução dos sentidos nos meio sociais. Para isso, basta perceber que as mídias responsáveis pela disseminação cultural nos anos 80 miravam na direção das questões

atreladas a intenções mercadológicas, pois, ao mesmo tempo que “exploravam” a imagem do artista/banda, as mídias também serviam como um instrumento de propagação da mensagem que esses mesmos artistas/bandas queriam passar.

Os anos 80, nesse sentido, no campo do rock, mostraram que, mesmo em um processo de condução e construção da imagem, fato intuído pelas mídias, foi possível retratar os inúmeros anseios, dilemas e perturbações que aquela geração sentia. Em um mundo onde a informação, segundo Maffesoli (1994), pode ser uma grande moeda simbólica de troca, o papel da música foi fundamental para mapear determinados quadros sociais daqueles grupos de jovens. As questões estéticas, bem como as diferenças sociais, eram expressas de maneira intensa através das manifestações culturais nos principais centros urbanos do Brasil.

A banda Titãs atuou naquele momento como protagonista de um processo de ressignificação em vários níveis, suas músicas contribuíram consideravelmente para a construção de imaginários coletivos do público roqueiro. Alexandre (2002) mostra que o Titãs vendeu muitos discos, fez vários shows, tocando nos principais espaços e eventos musicais do período, além de ter muitos sucessos tocados por várias vezes nas principais rádios das principais cidades brasileiras. Todos esses fatores somados mostram que a referente banda fez parte estrutural do âmbito das representações e significações dos imaginários dos jovens daqueles conturbados, conflitantes e intensos tempos.

Quando se pensa em linguagens, e a música está atrelada a instrumentos de linguagem, Santaella (2008) aponta que elas só existem em esquemas perceptivos fundamentados, ou seja, sem signos não há mensagens e sem mensagens não há comunicação. Partindo dessa ideia, o que se pode perceber, tendo como referência as letras apresentadas durante o texto, é que a música do Titãs está repleta de signos, logo de significados. Isso evidencia que, em se tratando das mensagens principais que a banda queria passar, os objetivos foram atingidos, tanto é que a banda se tornou uma das mais famosas, haja vista a quantidade de sucessos emplacados e o número de fãs que tem até hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDRE, Ricardo. *Dias de Luta*. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2002.
- ALVES, Antônio Marcus. *Cultura rock e arte de massas*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.
- ALVES, Luciano Carneiro. *Flores no deserto: a Legião Urbana em seu próprio tempo*. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.
- ANAZ, Silvio Antonio Luiz. *A comunicação do amor romântico no pop-rock brasileiro: um estudo do imaginário nos processos criativos de Erasmo Carlos, Rita Lee, Lobão e Pato Fu*. 2013. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.
- BASTOS, Ana Paula Gondim. *A crítica social da indústria cultural: a resistência administrada no rock brasileiro dos anos 80*. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- BAUDRILLARD, J. *À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- _____. *A transparência do mal: ensaios sobre fenômenos extremos*. Campinas: Papirus, 1992.
- _____. *Da sedução*. Campinas: Papirus, 1991.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- DAPIEVE, Arthur. *BRock: o rock brasileiro dos anos 80*. 2. ed. Rio de Janeiro: 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- _____. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- _____. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1996.
- GROPPO, Luis Antonio. *O rock e a formação do mercado de consumo cultural juvenil: a participação da música pop rock na transformação da juventude em mercado consumidor de produtos culturais, destacando o caso do Brasil e os anos 80*. 1996. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio D'água, 1983.
- _____. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LYOTARD, J. F. *O Pós-Moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no Século XX: o espírito do tempo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

RAMOS, Eliana Batista. *Rock dos anos 80: a construção de uma alternativa de contestação juvenil*. 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

SANTAELLA, Lucia. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

SILVA, Rosana Saldanha. *Canções, mídias e produção de subjetividades*. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.